



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



## De Pernambuco ao Sertão do Cariri: discussões a partir de um relato de campo

Ariadne Fernanda Ferraz Vieira<sup>1</sup> , Guilherme Barbosa da Silva<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo), UFPE, Recife, PE, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4293-2167>

<sup>2</sup>Departamento de Ciências Geográficas, UFPE, Recife, PE, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-6584-5501>

### RESUMO

No curso de licenciatura em geografia, as aulas de campo são essenciais para pôr em prática o aprendizado que existe em sala, sendo uma forma de garantir a práxis crítica do estudo na ação. Pela disciplina de Formação Econômica e Territorial do Brasil, pudemos entender a construção de um país pelas expropriações da terra, grilagens, apropriações do Espaço pelo capital e o genocídio dos povos indígenas e ex-escravizados, fenômenos os quais, originaram lutas e resistências para garantir direitos básicos de cada cidadão. Estudar e pesquisar estes espaços de resistência contribuem não somente para o conhecimento, mas para a própria vida em si como a introdução de uma nova visão do que é o Brasil sob a ótica e contextualização do Sertão do Cariri.

**Palavras-chaves:** Aula de campo; Sertão do Cariri; Expropriação; Lutas.

## From Pernambuco to the Hinterland of Cariri: discussions based on a field report

### ABSTRACT

In degree course in geography the field classes are essential to put in practice the apprenticeship that exists in class, being a way to guarantee the critical praxis in study of an action. In the class of Formação econômica e territorial do Brasil, we can understanding the construction of a country through the land expropriation, land grabbing, appropriations of space by capital and the genocide of the indigenous and former slaves, process what make fights and resistance to guarantee basic rights. Study and research this resistance spaces contribute to the introduction of a new vision of Brazil by the optical and contextualization of the hinterland of Cariri.

**Keywords:** Field Classes; Hinterland of Cariri, Expropriation; Fights.

## De Pernambuco al Interior de Cariri: discusiones a partir de un informe de campo



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



## RESUMEN

En la carrera de Geografía, las clases de campo son fundamentales para poner en práctica los aprendizajes que se dan en el aula, siendo una forma de garantizar la praxis crítica del estudio en acción. A través de la disciplina de Formación Económica y Territorial de Brasil, podemos comprender la construcción de un país a través de las expropiaciones de tierras, el acaparamiento de tierras, la apropiación del Espacio por el capital y el genocidio de los pueblos indígenas y ex-esclavizados, fenómenos que dieron lugar a luchas y resistencias a garantizar derechos y necesidades básicas de todo ciudadano. Estudiar e investigar estos espacios de resistencia contribuye no sólo al conocimiento, sino a la vida misma como introducción de una nueva visión de lo que es Brasil desde la perspectiva y contextualización del Interior de Cariri.

**Palabras-clave:** Clases de campo; Interior de Cariri; Expropiación; Peleas.

## INTRODUÇÃO

A disciplina “Formação Econômica e Territorial do Brasil” do curso de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) objetiva compreender o processo evolutivo no qual se deu tal formação territorial, assim como, as atividades econômicas no período colonial condicionado a ocupação do espaço, o desenvolvimento industrial e urbanização, a divisão internacional do trabalho, os mercados regionais e a formação do mercado nacional.

Sustentada por bibliografias variadas, o percurso teórico realizado ao longo do curso parte da compreensão inicial acerca da territorialização, enquanto conceito e enquanto processo violento de conquista. A formação territorial do estado nacional (hoje Brasil) como resultado do processo de territorialização do capital. Em seguida, discute-se sobre o pensamento social brasileiro enquanto projeto nacional, a construção do território e a formação da nação, por meio de autores como Davi Kopenawa e Bruce Albert em *A queda do céu* (2015) sobre os povos originários Yanomamis e perpassando também a Guerra dos Bárbaros.

Além de trabalhar a questão indígena, o programa da disciplina seguiu o percurso discutindo temas pertinentes como: o racismo como prolongamento perverso e necessário da constituição colonial escravista a partir de Nascimento (2016), a dissimulação do patriarcado nas menções e omissões a respeito das formas de família e o pensamento social brasileiro a partir de Corrêa (1981), racismo e sexismo com Gonzalez (1984), branquitude como âmbito



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



oculto do racismo estrutural com Bento (2002), o sentido e forma social da colonização por meio da leitura crítica de Marx (1983) e Prado Júnior (1979).

Outros temas como as diversas formas de expropriação, migrações, urbanização, metropolização, capitalismo, ideário da construção do Nordeste, sentidos da colonização e trabalho foram abordados ao longo das aulas expositivas e dialogadas.

Após o embasamento teórico fundamental para o pensar crítico da formação econômica e territorial do Brasil, realizou-se a aula/trabalho de campo, previsto no Plano de Ensino e na Ementa como 50% da carga horária total da disciplina, sendo essencial ao possibilitar a conexão empírica e teórica (Alentejano e Rocha-Leão, 2006).

A fim de promover a leitura de mundo interpretando o meio como base do conhecimento sistematizado (Da Silva, 2002) e de perceber *in loco* o desenrolar da formação territorial, realizou-se entre os dias 29/08/2022 e 02/09/2022 a aula de campo, desde o Pernambuco até o sertão do Cariri cearense. Foram visitadas as cidades de Caetés-PE, Crato-CE, Barbalha-CE e Juazeiro do Norte-CE, algumas comunidades e localidades.

Dessa forma, o presente trabalho consiste em um relato de campo, construído por meio de informações retiradas do diário de bordo e de reflexões críticas, a partir das experiências vividas na aula de campo da disciplina ministrada pela Professora Doutora Ana Carolina Gonçalves Leite do Departamento de Ciências Geográficas (DCG) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Pernambuco.

## 1. Relato de campo

### 1.1 Os não tão bons ventos: Eólicas na comunidade de Lagoinha, Caetés-PE

No primeiro dia, em caminho ao Crato/CE, foram vistas, brevemente, as Usinas de Energia Eólica em Caetés/PE. O drama passado pela comunidade de agricultores locais gira em



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



torno do barulho e impacto visual das eólicas, gerando problemas mentais e perda da produção rural, além de desvalorização da terra pela instalação das hélices.

No entorno da cidade de Garanhuns, no agreste pernambucano, foram instalados alguns Complexos Eólicos, o Santa Brígida, o São José e o São Clemente, sendo o ‘Complexo Eólico Ventos de São Clemente’, especificamente, o parque que desencadeia uma série de problemas na comunidade visitada.

O ponto de partida para discussão das problemáticas do local é a territorialização envolvida no processo de implantação das torres, dentro das propriedades particulares. Nesse sentido, deve-se pensar no processo histórico de dominação, discutindo assim, os seguintes pontos: “Como se formou esse território? ”, “Quem ocupa esse território? ”. As respostas a essas duas perguntas geram um desencadeamento de fatores que direcionam os motivos da escolha do lugar.

A comunidade de Lagoinha já não tinha amparo municipal em termos de saúde e educação antes mesmo da implantação das torres, a maioria dos moradores do local são analfabetos ou semianalfabetos, agricultores de subsistência, e de baixo poder aquisitivo. A soma desses fatores, fez e faz com que as empresas criem o cenário de que o lugar é ruim, vendam essa ideia aos moradores, desvalorizem o espaço e se aproprie de uma forma fácil e barata.

Os benefícios da energia eólica, fazem com que ela seja facilmente vendida e propagada aos olhos de quem não convive com a sua produção e também, os malefícios: expropriação do território, risco de vida, problemas de saúde decorrentes do infrassom e do ultrassom (ondas sonoras de frequência abaixo e acima do espectro audível), migração de espécies, interferência na dimensão paisagística da comunidade (poluição visual), entre outros.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



O entendimento da situação vivenciada, durante a conversa, se deu a partir das falas do Doutorando em Antropologia, Alexandre Pereira e das lideranças locais (moradores e a membra da CPT- Comissão Pastoral da Terra) sobre esses impactos e sobre como se deu o processo de implantação desses parques na região, além, de como estão os desdobramentos dessa relação empresa-comunidade.

Os principais pontos mencionados são: desorganização social, problemas de saúde em grande parte dos moradores da comunidade (já não se tem mais a tranquilidade do lugar e o sentimento de prazer em viver ali), abuso emocional e financeiro nos desdobramentos legais e contratuais; desrespeito às normas mínimas de segurança, exploração financeira dos valores dos aluguéis e falta de perspectiva de futuro das famílias que estão no local. Todos esses pontos convergem para a vulnerabilidade à violência e dominação, no qual maior parte da sociedade brasileira está vinculada, em decorrência, de questões raciais e econômicas, de falta de acesso à escolaridade, do poder concedido historicamente às empresas que agem como grileiros, da questão da terra e da ameaça de uma despossessão.

## 1.2 A geografia e a história do sertão do Cariri Cearense

Conhecida por ser um “oásis” no semiárido, a região do Cariri cearense, no extremo sul do estado do Ceará, destacou-se desde a segunda metade do século XIX, por conta de sua vegetação e pela presença de fontes d’água e solos férteis. Na região do Cariri, está localizada, parte da Chapada do Araripe, uma formação geomorfológica do tipo planalto/meseta de origem sedimentar, alongada na direção Leste-Oeste.

A visita às três principais cidades da Região Metropolitana do Cariri foi de bastante relevância para entender a formação do território local, e por ser um recorte representativo do que foi/é o processo de formação econômica e territorial do Brasil. A breve retrospectiva histórica da região, a seguir, dialoga com todo o trabalho de campo e também com a disciplina em curso.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



O processo de formação territorial é um movimento de busca pela identidade nacional do Brasil enquanto um Estado-Nação. O espaço que viria a ser Brasil hoje, era dividido em litoral e sertão, sendo sertão, o nome dado ao lugar onde o processo de formação territorial não incidu ou que ainda não tinha sido regionalizado, e os sertões do ‘Brasil’ ganharam nome e sobrenome, o que é o caso do Sertão do Cariri. Cada último lugar que a colonização havia chegado, tinha como seu sertão, as áreas seguintes.

No Sertão do Cariri, a chapada funcionou/funciona como barreira orográfica que provia/provém chuva para o Vale do Cariri, região úmida que foi ocupada pelos colonizadores por ser um vale fértil. Essa região já era ocupada anteriormente à chegada dos colonizadores, por indígenas, como os Cariri, nas imediações do que hoje é a cidade de Crato, e por isso, a região recebe esse nome.

Nesse processo de colonização caririense, a chegada dos homens brancos na região não foi aceita sem resistência desses indígenas, o que desencadeou uma série de conflitos. O fato é, que o extermínio indígena era autorizado pelo “Estado” e quem matava índio, ganhava sesmarias. Essa guerra de extermínio que se seguiu com a expulsão dos holandeses durou mais de meio século, e foi o primeiro processo deflagratório de um grupo.

Na Guerra dos Bárbaros ou Confederação dos Cariri, os índios de várias capitâneas e diversas tribos estiveram unidos para resistir à invasão do homem branco, frente à ameaça de destruição do povo, da terra e da cultura, além de lutar contra as tentativas de escravização. O conflito genocida reduziu drasticamente os povos nativos, os aprisionou e aldeou, similarmente ao que aconteceu em várias outras localidades no país. A ocupação lusitana na região via o Rio São Francisco (importância dos rios para o povoamento) desenvolveu a agricultura e pecuária, e foi marcada pelos engenhos de cana-de-açúcar, que são mais um objeto de estudo da formação territorial por amostrar relações patriarcais em termos de família, racismo, sexismo e



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



todas as outras complexas temáticas. A formação de grandes propriedades pós genocídio também foi marcada por invasões e conflitos e a mão de obra usada era escravizada.

Para além do extermínio dos povos originários, a Guerra dos Bárbaros também desencadeou um outro conflito interno entre os colonizadores, por terra e mão de obra escrava nativa, envolvendo também os sesmeiros, religiosos, bandeirantes, foreiros, rendeiros e outros.

A Guerra dos Bárbaros é contemporânea ao Quilombo dos Palmares, mas é praticamente desconhecida e essa omissão revela o desprezo ao tema de resistência indígena e do violento processo de conquista de portugueses no sertão nordestino, que provocou esse apagamento histórico de indígenas (e também de africanos). Guerrear e exterminar é fazer a formação territorial acontecer, pois dessa forma, se limpa o espaço (matando indígenas) em troca de terras como recompensa. A figura desse homem branco que recebeu terras, chega até o que conhecemos pelos coronéis e assim, podemos entender a origem do coronelismo, aristocracia e das oligarquias quando as novas elites se fundam por ter o direito daquela terra que foi violentamente conquistada.

A dissipação do povo indígena no processo colonial, abriu espaço para que a região fosse marcada no discurso com outras identidades predominantes: a natureza bela, o oásis no sertão e a religiosidade de seu povo, notadamente testemunhada por romeiros na região CRAJUBAR.

### 1.3 Assentamento Malhada e Associação São Silvestre em Crato-CE

O primeiro ponto de parada na Região do Cariri, foi o Assentamento Malhada no distrito de Ponta da Serra em Crato-CE, onde conversamos com alguns representantes da Associação dos Produtores Rurais da Fazenda São Silvestre, cujas terras foram arrendadas por meio do crédito rural. O funcionamento de uma Reforma Agrária por crédito é muito similar ao “Minha Casa, Minha Vida”, onde há um parcelamento, com um intermediário do Estado, uma área para se morar, no caso, para se produzir alimentos.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



O crédito rural, que é um crédito cedido pelo governo e arrendadores, começou no Ceará e se dissipou pelo Brasil. No caso desse assentamento em questão, o processo de compra da terra foi amigável, uma vez que os associados da cooperativa atual, já trabalhavam nas terras particulares da Fazenda São Silvestre, e por opção da antiga proprietária (da família Macário de Brito) as terras foram vendidas por meio do crédito. Atualmente, o assentamento tem 11 famílias, que estão dividindo os mais de 205 hectares de terra comprados.

As parcelas permaneceram por boa parte dos anos da história da comunidade (18 anos, como foi declarado), mas levando uma quitação demorada. Segundo a comunidade, a mecanização do trabalho, necessária para a produção, trouxe mais empecilhos para este pagamento já que era mais um custo. Um aspecto que chamou atenção foi a proximidade de ambientes rurais do núcleo urbano, com o contraste brusco da paisagem ao passar do trajeto em um curto espaço de tempo. Ao tratar da formação econômica e territorial do Brasil, urge relacionar as vivências *in loco* com os principais temas discutidos na disciplina, que envolvem o uso e a posse de terra.

O assentamento de reforma agrária é um conjunto de unidades agrícolas em um imóvel rural, na qual, parcelas ou lotes são destinados às famílias de agricultores ou trabalhadores rurais (sem condições de adquirir um imóvel rural), na qual irá residir e explorar no desenvolvimento de atividades produtivas diversas. Arrendamento é quando a terra é emprestada/alugada por um certo tempo, para que possa cultivar e habitar, e o pagamento é feito com o trabalho ou parte da produção. Especificamente no caso do Assentamento Malhada, a priori, a relação era de arrendamento e atualmente, com a compra da terra, está na condição de assentamento. Existem outros exemplos de assentamento, como é o caso de alguns grupos do MST, que veremos mais adiante.

O pagamento do assentamento já foi quitado, e a Cooperativa criada pelos moradores, produzem farinha, beiju e goma de tapioca, na Casa de Farinha e também, laticínios (Produtos



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Malhada) como leite, queijo e iogurte, que são comercializados na região, mas sem perspectiva de expansão produtiva, em função do baixo quantitativo de pessoas para o trabalho e também pela falta de incentivo e difícil estabelecimento de empreendedorismo. Vale pontuar sobre as raízes históricas do território, quando se visualiza uma casa de farinha e a representatividade da cultura indígena para as regiões norte e nordeste do país. O processo produtivo, a priori, era 100% artesanal, como faziam os povos originários, mas ao longo do tempo, foi mecanizado em algumas etapas. Foi possível visualizar também, a forte identificação das pessoas com o território, na qual já tinham a sensação de pertencimento desde antes da compra da terra.

Por fim, destaca-se que na casa de farinha, atualmente existe uma equidade em termos numéricos dos trabalhadores homens e mulheres, mas que como citado pelos trabalhadores locais, algumas práticas são típicas de mulheres e outras de homens. Nesse sentido, há uma série de discussões que podem ser feitas, a partir da herança histórica do patriarcado, da figura e dos direitos das mulheres ao longo dos anos e no sexismo negro, principalmente.

Após conhecer todo o processo de produção e fabricação da farinha, foram apresentadas algumas partes da associação, que é bem espaçosa. Após a divisão em equipes, conheceu-se parte da horta da comunidade, a qual estava bem seca, e o Rio Caras, que fica a alguns poucos quilômetros da fábrica de farinha. Apesar da água cristalina, o rio tem trechos poluídos em função do despejo de dejetos oriundos de uma fazenda à montante.

#### 1.4 Chapada do Araripe na Flona Araripe-Apodi

Em seguida, estudou-se no campo a Chapada do Araripe em sua parte que abrange o estado do Ceará. Acompanhados de um guia local chamado “Pajé”, que é graduado em geografia, foi realizada uma extensa caminhada até um dos topos da Serra, subindo ainda com sol forte e descendo ao anoitecer. A paisagem mudava a proporção em que a altitude crescia, diversificando a maneira de sentir o Espaço como um todo.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



A Chapada do Araripe é uma importante formação geomorfológica e geológica brasileira, que está localizada nos estados de Pernambuco, Piauí e Ceará. Para além da relevância dos estudos geográficos, a chapada também é conhecida pelos estudos arqueológicos, paleontológicos, pelo lazer (geoturismo de trilhas ecológicas) e também pelo envolvimento na história do Cariri enquanto “berço da cultura”.

Em visita, o guia descreveu a importância da Chapada para a sociedade em seu entorno, o que confirma que as formações naturais do lugar podem condicionar o desenvolvimento social local, como por exemplo, por estar a barlavento, a formação proporciona que a área tenha mais umidade e também corpos hídricos como as fontes naturais. A partir disso, alguns impactos foram observados na área, como a canalização da água e a privatização dela para terrenos agricultáveis, plantações indevidas de soja em áreas de encosta a partir da retirada da cobertura vegetal e degradação de áreas em função do desmatamento e das transformações antrópicas decorrentes do uso e ocupação indevidos do solo.

## 1.5 O triângulo CRA(TO)-JU(AZEIRO DO NORTE)-BAR(BALHA)

O terceiro dia do trabalho de campo foi destinado para a visita às três mais importantes cidades da Região Metropolitana do Cariri. O primeiro ponto de parada foi no mirante da cidade de Crato, que é a mais antiga das três e cresceu em extensão e ocupação, já tendo características de uma cidade média, devendo fazer o destaque para os processos antrópicos de canalização de rios, construção de estradas e impermeabilização do solo. De cima, foi possível ver a cidade e como se deu o processo de urbanização, também entendendo para onde direciona a expansão e a paisagem geomorfológica promovida pela Chapada do Araripe a direita de quem vê.

Em seguida, visitamos o Juazeiro do Norte e conhecemos a história de Cícero Romão e o “Milagre do Juazeiro”, estando totalmente envolvidas com o processo de territorialização e por fim, seguimos para Barbalha, onde as atribuições religiosas estão vinculadas à tradição



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



da Festa de Santo Antônio e o cortejo do Pau da Bandeira. Essa festa tradicional, está vinculada com a Chapada do Araripe e o costume dos homens irem buscar, na mata, uma grossa tora de árvore para levar até o centro da cidade, onde é hasteada e amarrada por fitas coloridas no cortejo.

Na Escola de Saberes de Barbalha, no prédio 03 de outubro - antiga casa de câmara e cadeia, pôde-se ouvir sobre a história local e visitar a biblioteca Hidelbrando Espínola, que tem um grande acervo de obras importantes para compreensão da história do local e estudos de várias áreas. A relevância de ter em funcionamento, hoje, um espaço como a ESBA é de suma importância para os estudos das ciências humanas e sociais.

## 1.6 A Associação dos Indígenas Cariri de Poço Dantas Umari em Monte Alverne-CE

Como supracitado, a colonização e a formação territorial do Cariri, principalmente com o marco da Guerra dos Bárbaros, dizimou grande parte do Povo Originário Cariri e dispersou pelo país os sobreviventes, sem a continuidade da organização no território original. Depois de muitos anos dispersos pelo país e sem articulação e vivência no território, está acontecendo o processo de retomada dos Povos Cariri, pela articulação e organização deles, pois como mencionado por uma indígena Cariri, os índios Cariri “(R)EXISTEM”.

Na visita, fomos recebidos com o Toré – ritual de manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música e religiosidade. Tal como em outros lugares, foi feita a troca afetuosa de conhecimento por refeições, sendo bem alimentados e muito bem tratados em todos os momentos a um custo baixo e extremamente simbólico.

Os diálogos estabelecidos no lugar, foram sob a mediação de Vanda Cariri, que contou que por ser indígena e na infância não estar em um território indígena - por instrução de seus pais no quesito segurança, viveu sem declarar sua autoafirmação indígena. Esse fato está



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



atrelado as recorrentes perseguições à continuação hereditária dos povos originários, mesmo após o fim da colonização e posteriormente proclamação da república.

A Pajé, Dona Rosa contou a forma como sua família cresceu naquelas terras e algumas vivências ao longo do tempo, regadas de tradição. Em descrição, ela relata que antigamente a região era de Mata Virgem, com corpos hídricos, que foram destruídos para que o trabalho na terra pudesse acontecer (plantação de arroz, feijão, milho, algodão branco e preto, amendoim, fava.). Porém, com o passar do tempo a região passou a sofrer uma investida neoliberal com o discurso de estruturar o Cariri, com projetos do Agrohídronegócio, por meio do Cinturão das Águas do Ceará (CAC). Além do Cinturão de Águas, observa-se na região transformações antrópicas muito próximas as terras indígenas, o desmatamento que afeta o solo para um manejo não consciente e todos esses acontecimentos geram adoecimento nas pessoas, como ansiedade, medo e depressão pelas mudanças no pertencimento com o lugar.

Na visita, ainda foi possível conversar com jovens Cariris, como a Suelen, que apresentou grafismos indígenas e o Vytor, que é a liderança jovem, que explanou sobre a religiosidade envolvida no território. Ele comentou sobre o fato de terem pessoas de outras religiões, como o catolicismo, que se relaciona com todo o processo histórico de catequização entre outras coisas. E, na visita ao terreiro, ele mencionou que há um preconceito de dentro da própria comunidade com a religião Umbanda. Ainda, o Vytor relatou que há uma recorrência na tentativa de calá-los, com violência psicológica, envolvida com o Governo e os grandes empreendimentos em nome do “(des)envolvimento da região”.

## 1.7 O Assentamento 10 de Abril (MST)

Último ponto de parada, o Assentamento 10 de Abril é um outro território marcado pela luta pela terra, porém, diferente do Assentamento Malhada que foi conquistado por meio do crédito rural, o assentamento do MST conquistou a terra por meio da luta dos trabalhadores rurais. Foi possível então, conhecer um pouco da história da conquista da terra e



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



de todo o trabalho realizado ao longo dos 31 anos de existência da comunidade. Segundo líderes locais, 52 famílias moram em todo o território com uma média de 4 ou 5 pessoas por casa.

Em relato, os moradores citaram que vieram do Assentamento Caldeirão, área análoga à Canudos- fuga da extrema miséria, marcada por uma região de latifúndios improdutivos, secas cíclicas e desemprego crônico.

No assentamento, visitamos o açude Umari e nos reunimos com algumas lideranças, que compartilharam a história do assentamento, cânticos e o funcionamento da comunidade e a relação dos moradores na convivência com o espaço e a produção. Ainda, foi possível observar as plantações de alguns moradores e a paisagem do lugar, assim como, visitar e conversar com os moradores em suas casas.

A produção é para o consumo interno e também para venda, como milho, batata doce e hortaliças. A plantação está na área de vazante do rio, o que favorece a nutrição do solo rico em matéria orgânica e o manejo é feito com irrigação do solo. O assentamento tem uma creche e dispõe de um ônibus que leva os estudantes para a escola mais próxima, e também para o Crato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se finda, ao final do trabalho de campo, que diversos aspectos relacionados à disciplina em sua parte teórica puderam ser observados com clareza e objetividade. Toda a contextualização acerca da formação do território brasileiro, como a expropriação da terra por meio da colonização e os efeitos diretos desta, conseguiram ser demonstrados nos pontos pesquisados. As resistências de todas as comunidades visitadas, do começo ao fim da atividade, manifestam a luta por direitos básicos de qualquer cidadão brasileiro, mas que devido à sua configuração histórico-social foram exterminados institucionalmente.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à todos aqueles que fizeram o trabalho de campo acontecer: a professora Carol Leite (DCG-UFPE), Gabriel Faria (PPGEO-UFPE) e Raíra Pereira (PPGEO-UFPE), Alexandre Chaves (CPT), Alexandre Pereira (PPGA-UFPE), professora Hilda Daniel (PPGG-UFPB), professor Paulo Wendel (URCA), a Universidade Regional do Cariri, ao Pajé (nosso guia na Chapada do Araripe), à Escola de Saberes de Barbalha, a Comunidade Lagoinha em Caetés, ao Povo Cariri de Poço Dantas-Umari na pessoa de Vanda Cariri, ao Assentamento 10 de Abril do MST, ao Assentamento Malhada e Associação São Silvestre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENTEJANO, P. R. R.; DE ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 51-68, 2006.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 25-58, 2002.

CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, n. 37, São Paulo, 1981, p. 5-16.

DA SILVA, A. M. R. **Trabalho de Campo: prática" andante" de fazer Geografia**. Geo UERJ, n. 11, p. 61, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, n. 2, Brasília, 1984, p. 223-244.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. São Paulo Companhia das Letras, 2015.



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

# Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. Volume I. Tomo II. São Paulo Abril Cultural, 1983.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva, São Paulo, 2016.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo Colônia**. São Paulo Brasiliense, 1979.

---

## **Ariadne Fernanda Ferraz Vieira**

Licenciada em Geografia e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Email: [ariadnevieiraf@gmail.com](mailto:ariadnevieiraf@gmail.com)

## **Guilherme Barbosa da Silva**

Licenciado em Geografia pelo Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Email: [guilherme.barbosas@ufpe.br](mailto:guilherme.barbosas@ufpe.br)